

HOMICÍDIO O cacique Francisco de Assis Araújo, o Chicão, foi atingido por seis tiros dentro do carro da Funai, quando estacionava na frente da casa da irmã

Assassinado líder xucuru em Pesqueira

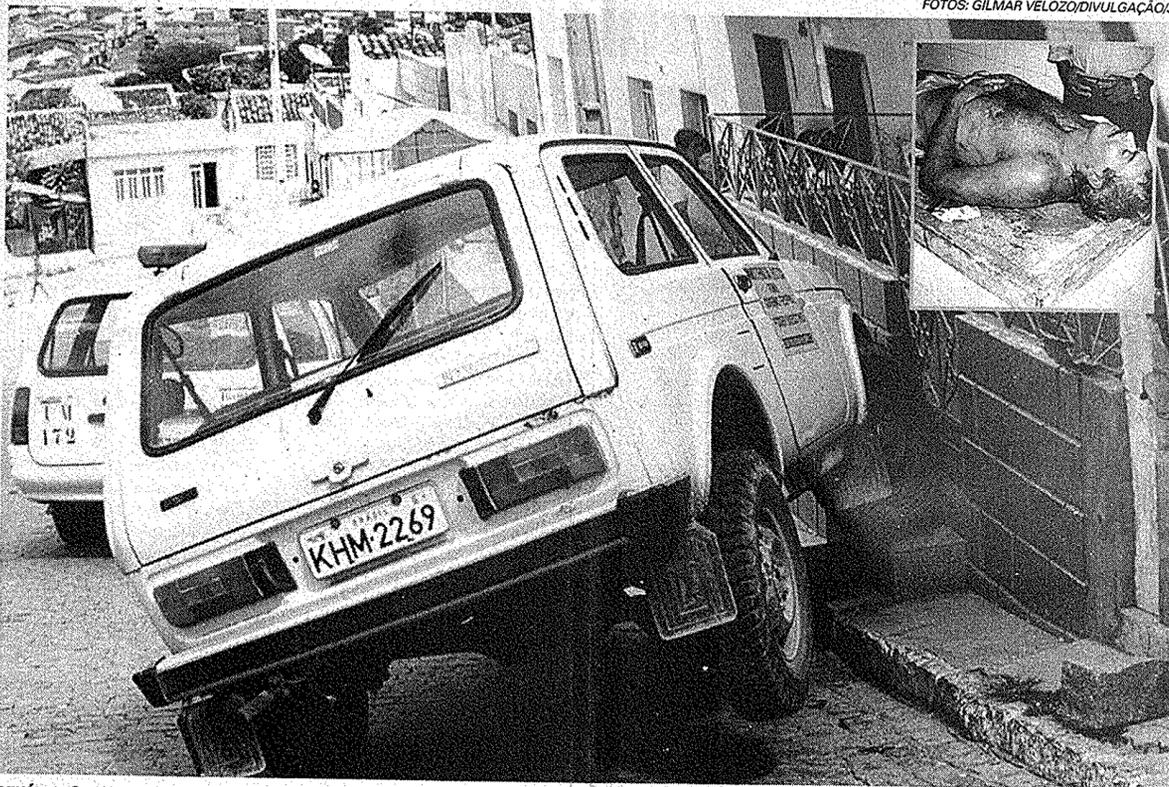
FLÁVIO JARDIM, TAÍZA BRITO E LEILA NUBIA CUNHA

PESQUEIRA — O cacique da tribo Xucuru, Francisco de Assis Araújo, o "Chicão", 48, foi assassinado, ontem, por volta das 9h30, com seis tiros de pistola 360 mm, quando estacionava o veículo oficial da Funai, o jipe branco placas KHM-2269, na frente da residência de sua irmã, Maria das Montanhas Araújo, no bairro do Xucurus, neste município. Segundo a delegacia do município, ele foi alvejado dentro do carro por um desconhecido alto e magro, que usava um boné branco e fingia estar telefonando em um orelhão próximo. Quando o cacique estacionou, o assassino teria corrido em direção ao veículo, disparando a pistola. Os tiros atingiram a cabeça, nuca, costas e a barriga. Segundo testemunhas, o cacique não pôde reagir, dando apenas um grito.

Segundo o médico plantonista do Hospital Dr. Lídio Paraíba, Severiano Cavalcanti, o índio já chegou ao local sem vida e morreu devido a uma hemorragia aguda, proveniente das perfurações por balas. O delegado de Pesqueira Cleodon Calado já iniciou investigações para tentar localizar o assassino, mas até o final da edição não tinha qualquer pista do assassino, que fugiu correndo, ameaçando as pessoas que estavam na rua na hora do crime.

O vereador índio de Pesqueira, Antônio Pereira, conta que "Chicão" vinha sendo ameaçado há mais de oito anos. As ameaças eram sempre anônimas. Mas, segundo se comenta na cidade, ultimamente, ele vinha tendo desavenças com a ex-esposa, que também o teria jurado de morte. A polícia não confirma qualquer das versões. O crime chocou todos os segmentos da sociedade local e a prefeitura decretou luto oficial por três dias. Centenas de pessoas tumultuaram a entrada do Lídio Paraíba para saber do crime. No início da tarde de ontem, surgiram boatos, que um grupo de índios, revoltados com a morte do líder xucuru, iria invadir o centro da cidade, gerando o fechamento de lojas. O vereador-índio negou os boatos, afirmando que os xucurus "querem apenas justiça e chorar a morte do cacique".

EMBALSAMADO — No final da tarde de ontem, o corpo de "Chicão" chegou ao Hospital Getúlio Vargas, no Recife, onde foi necropsiado e embalsamado, antes da liberação, de volta a Pesqueira. Demonstrando solidariedade a Tribo Xucuru, o próprio governador, Miguel Arraes, acompanhado de líderes políticos, esteve no local, ontem à noite. Muito abalados, os líderes indígenas que acompanharam o corpo sob

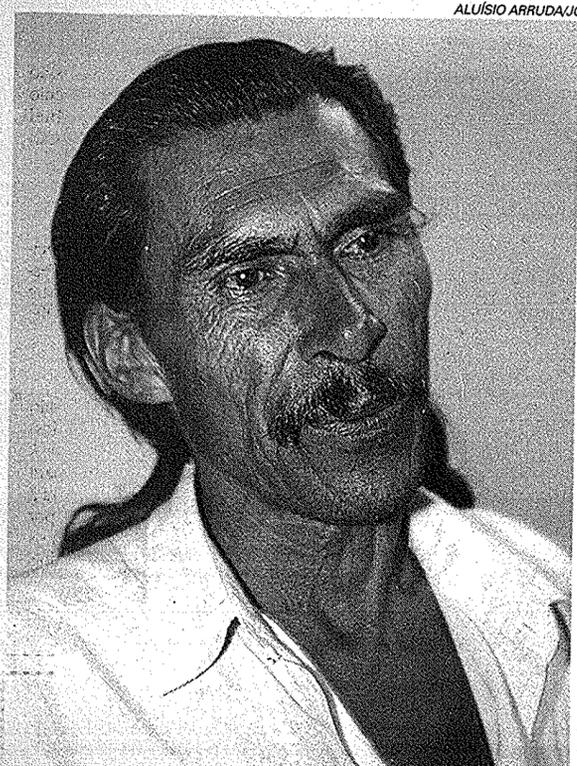


CENÁRIO O crime aconteceu por volta das 9h30 e chocou os moradores do bairro de Xucuru, zona urbana de Pesqueira. Ainda não há suspeitos

escolta de policiais militares de Pesqueira e Belo Jardim, disseram que o enterro seria hoje, por volta das 14h30, na Aldeia Pedra d'Água, onde a vítima morava. Os xucurus pretendem realizar rituais fúnebres com a dança típica, o Toré. Após o sepultamento, os líderes querem uma audiência com a administração regional da Funai no Recife para exigir providências e clamar por justiça.

A administradora regional substituta da Fundação Nacional do Índio (Funai), Estela Parnes, enviou ofício, ontem de manhã, à Polícia Federal solicitando a apuração do caso. Uma equipe de dez homens da PF viajou, ontem, ao município para verificar se existe ligação com a questão fundiária. Em caso afirmativo, o delegado de Ordem Política e Social, Carlos Fazzo, presidirá o inquérito.

"Chicão" integrava a comissão coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME). Em março último, liderou a ocupação da Fazenda Tionante, adquirida por Leonardo Gomes após o processo de demarcação física da reserva, em 1995. O objetivo da ocupação era pressionar a Funai a obter, junto ao Governo Federal, a retirada, com indenização, dos posseiros que estão na Reserva, de 27.555 hectares, na Serra do Ororubá, onde vivem 6.636 índios. A área ainda inclui 290 posses de não-índios.



VEREADOR Antonio Pereira diz que também é perseguido na cidade



VÍTIMA O cacique Chicão era figura amada e odiada em Pesqueira

Sucessor vai ser escolhido pelas 23 aldeias locais

PESQUEIRA — Ainda não foi escolhido pelos integrantes da tribo Xucuru um nome para substituir o cacique Chicão. Segundo a viúva do índio, Zenilda Maria de Araújo, os 23 líderes das aldeias da tribo vão aguardar o encerramento dos funerais para pensar na sua substituição. "Devemos nos resguardar neste momento e fazer as homenagens devidas ao nosso líder morto para depois escolher o seu sucessor", afirmou.

Para escolher um novo cacique, os 23 representantes das aldeias que formam a tribo Xucuru se reúnem no terreiro da reserva e dançam o toré (típica da tribo). Após o ritual cada um deles indica o nome do índio que consideram reunir as condições para liderar a tribo. Após haver um consenso, o nome é levado ao conhecimento dos demais integrantes da tribo. O novo cacique só é declarado após esta espécie eleição onde a maioria é necessária.

A família de Chicão diz que a luta travada pelo índio pela posse da terra, em Pesqueira, vai continuar. Os parentes mais próximos de Chicão não se surpreenderam com a forma como ele foi morto. "Claro que ficamos chocados, mas sabíamos que havia gente interessada na morte dele", afirmou Marcos Luidson de Araújo, 20 anos, um dos sete filhos do cacique. De acordo com os familiares de Chicão, ele sofreu várias embos-



FAMÍLIA Esposa do índio diz que ele era vítima de ameaças

cadadas durante a sua atuação como cacique da tribo, das quais saiu ileso. "Também recebemos informações, em várias ocasiões, de pessoas que chegaram a ir na nossa casa para matá-lo e acabaram desistindo", revelou Marcos. A viúva do líder xucuru, Zenilda Maria de Araújo, disse que a maioria das ameaças que o marido sofreu aconteceram em função da sua luta pela terra indígena.

Durante todo o dia a família do cacique Chicão esteve reunida na casa da irmã, inconformada. "Nós queremos justiça". Vários políticos

FOTOS: GILMAR VELOZO/DIVULGAÇÃO/JC

Amado e odiado por uns, devido ao temperamento

Departamento de Pesquisa

Francisco de Assis Araújo, o Chicão, era cacique das 23 aldeias que formam a tribo Xucuru, de Pesqueira. De temperamento forte, "sem papas na língua", costumava dizer sem rodeios o que achava e por isso era amado por uns, odiado por outros e respeitado por todos.

Chicão estava sempre envolvido com as questões agrárias. Era ferrenho defensor das terras da tribo, na Serra do Ororubá. A mais recente, em março deste ano, ele reivindicava a posse dos 238 hectares do sítio Tiemonte, localizado em área indígena e que estava invadido por forasteiros.

O cacique demonstrou coragem maior, ao denunciar o envolvimento de cinco pessoas tidas como importantes em Pesqueira, na morte do procurador da Funai, Geraldo Rolim. Chicão apontou perante a Justiça fazendeiros pesqueirenses como autores intelectuais do crime. O procurador foi morto quando demarcava 27 mil hectares de reserva indígena em Pesqueira.

Vizinhos perplexos dizem que cacique era boa pessoa

PESQUEIRA — Na Rua Coronel Leandro, no bairro de Xucurus, onde o cacique Chicão, foi assassinado, o clima ontem era de perplexidade entre os vizinhos, que passaram todo o dia na porta de suas casas observando o local do crime. Para a dona de casa Maria Cordeiro Galvão, que mora na frente da casa onde Chicão foi assassinado, ninguém podia dizer que ele era uma má pessoa. "Ele era um grande amigo e um excelente vizinho", ressaltou.

Dezenas de índios da tribo cercaram a residência da irmã do líder, a quem se referiam como pai. "A dor que nós sentimos é a da perda de um pai. Ele lutava para encher as nossas barrigas. Era assim que nos tratava", desabafou um dos índios que estava no local. Grande parte da tribo já estava em Pesqueira quando ocorreu o crime, pois tinha vindo participar

da feira da cidade. Não houve maior movimentação porque os demais integrantes foram orientados a aguardar pelo corpo na própria aldeia.

Para o representante do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Roberto Saraiva, o assassinato do líder dos xucurus foi uma tragédia sem precedentes para o povo da tribo. "Os xucurus choram o sangue derramado por Chicão", ressaltou Saraiva, ao lembrar que dos 27.555 hectares demarcados pela Funai como reserva dos Xucurus, os índios só tem o uso de apenas 12%, ou seja, três mil hectares."

Segundo Saraiva, o cacique Chicão vinha cobrando insistentemente em Brasília a homologação do processo de posse da terra da reserva, hoje ocupada por fazendeiros. O processo se arrasta desde 1995, quando a área foi demarcar e delimitada.

Ideais do índio esbarravam na falta de segurança

FABIANA MORAES

Francisco Assis Araújo, o Chicão, era mais que um líder para a tribo Xucuru. Ele representava os ideais de uma força que a tribo tentava recuperar e a busca de uma cultura transformada em lenda. Chicão representava, principalmente, um incômodo por lutar pela terra que foi delegada ao seu povo. Sua morte mostra o perfil de um barril de pólvora formado por inércia, incompetência e descaso, que resultam na conhecida questão da demarcação da terra indígena.

Chicão possuía vários inimigos em Pesqueira. Para entrar em contato com o cacique, era preciso enfrentar muita desconfiança por parte dos índios de sua tribo. Numa entrevista realizada em abril, ele declarou estar acostumado à perseguição cotidiana. "Mas, no dia em que eu quis, mobilizo toda a tribo e retomo tudo o que era nosso", disse.

O cacique não possuía moradia fixa, e havia acabado de comandar uma invasão a uma área situada a 10 km de Pesqueira. "Vamos permanecer no local durante o tempo que for preciso. Nada pode nos tirar daqui", afirmou Chicão, que vivia há 28 anos com Zenilda Araújo, também chefe da tribo. Os xucurus perdem um grande líder, e, em contrapartida, ganham mais um reforço na luta pelo espaço legítimo.